RECEBIDO FESTIVAMENTE NO DISTRITO DE SETÚBAL o presidente da República

Depois de Lisboa, Setúbal, em cujo limite do distrito assenta o topo da grande Ponte Salazar, mostrou que não estava indiferente ao acontecimento.

E ontem, durante a visita do chefe do Estado, pôde manifestar todo o seu regozijo, tributando ao primeiro magistrado da Nação calorosas ovações e sentidas homenagens.

A primeira cerimónia da viagem do sr. almirante Américo Tomás ao concelho de Setúbal realizou-se junto ao monumento ao Cristo-Rei, onde foi rezada missa de acção de graças pela abertura da Ponte Salazar, acto solene a que assistiu o chefe do Estado, estando também presentes os presidentes da Assembleia Nacional, da Câmara Corporativa e do Supremo Tribunal de Justiça; membros do Governo; o ministro brasileiro da Viação, marechal Juarez Távora; e muitas outras individualidades.

O sr. almirante Américo Tomás assistiu à cerimónia de uma pequena tribuna instalada do lado do Evangelho, acompanhado dos oficiais da sua Casa Militar. Em outra tribuna sentaram-se todas as restantes individualidades acima referidas. Do lado da Epístola, sentaram-se o núncio-apostólico e o arcebispo de Mitilene.

Todo o terreiro era ocupado pelo povo, que, em grande número, ali se deslocou.

Celebrou a missa o cardeal-patriarca, sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, tendo como diácono e subdiácono os cónegos Gonçalves Pedro e Manuel Falcão e servindo de presbítero-assistente o cónego D. João de Castro (Nova Goa). A parte coral esteve a cargo do coro «Stella Vitae».

Ao Evangelho, o cardeal-patriarca proferiu uma alocução em que exaltou o melhoramento, saudando, ainda, o chefe do Estado. Concluiu fazendo considerações de natureza litúrgica sobre a ponte e apontando os benefícios que tal empreendimento há-de trazer para os habitantes das duas margens.

Apoteótica passagem na vila de Almada

Terminada a cerimónia, organizou-se um cortejo em direcção à vila de Almada, onde o presidente da República teve caloroso acolhimento por parte dos milhares de pessoas que se encontravam ao longo das avenidas Cristo-Rei e Nuno Álvares, Praça da Renovação e avenidas Infante D. Henrique e Frederico Ulrich. Os prédios encontravam-se engalanados e em alguns locais liam-se dísticos de saudação. Na Praça da Renovação, a chegada do cortejo foi assinalada com o lançamento de foguetes e morteiros e com a execução do hino nacional, por uma banda de música local, vendo-se em volta representações de organismos oficiais, de colectividades culturais, desportivas e recreativas, escolas, bombeiros, bandas de música, atletas, etc.. Os veículos dos bombeiros voluntários, alinhados na Avenida Infante D. Henrique, fizeram ouvir as suas sirenes, enquanto os populares saudavam o presidente.

O cortejo, em marcha lenta, seguiu para a Cova da Piedade, com breve paragem na estrada, onde o sr. almirante Américo Tomás foi alvo de expressiva homenagem de muitas centenas de pessoas. Todos os organismos e colectividades estavam representados por largas deputações, com estandartes, e viam-se crianças das escolas, bombeiros, banda de música, etc.. Também houve manifestações no percurso para Setúbal, nomeadamente em Corroios, Fogueteiro, Paio Pires, Coina, Azeitão e Palmela.

GRANDE RECEPÇÃO NA CIDADE DO SADO

Logo que o cortejo presidencial atingiu o concelho de Setúbal, milhares de pessoas se incorporaram nele, incluindo centenas de automóveis, que acompanharam o chefe do Estado até à Estalagem de S. Filipe, onde o ilustre visitante almoçou.

Muito tempo antes da chegada do sr. almirante Américo Tomás ao edifício do Município já a vasta Praça do Bocage e ruas que lhe dão acesso constituía grande mar humano, representado pelo povo da grande cidade do Sado.

Das janelas pendiam lindas colchas e bandeiras e, num friso impressionante de cor, viam-se centenas de estandartes e bandeiras de todas as actividades e todas as bandas de música que existem no concelho. Cerca das 16 horas, no limite da praça parou o carro presidencial, envolvido por incalculável multidão que não cessava de ovacionar o ilustre visitante, que, acompanhado dos elementos da sua Casa Militar, recebeu os cumprimentos dos srs. coronel Viriato de Oliveira e major Anjos, comandantes militar e do Regimento de Infantaria 11.

No meio das aclamações o chefe do Estado seguiu para um estrado colocado junto do edifício municipal onde assistiu ao desfile da guarda de honra constituída por um batalhão de Infantaria 11, acto que decorreu no meio de grandes manifestações patrióticas. Ladeavam-no na tribuna, entre outras entidades, os ministros das Obras Públicas e das Comunicações e o subsecretário das Obras Públicas.

Terminada a cerimónia, o chefe do Estado, sempre ovacionado, entrou no edifício e, no salão nobre, foi alvo de nova e grandiosa manifestação. Ali se encontravam todas as mais altas figuras do distrito e, em volta da mesa de honra, as bandeiras de todos os concelhos, a assinalar a presença do povo sadino.

Fora, não cessavam as ovações e reclamava-se a presença do presidente da República. O sr. almirante Américo Tomás acedeu ao pedido e, mal assomou à varanda, milhares de bandeiras e estandartes se agitaram, vivas e palmas sem conta, ressoaram, enquanto as bandas executavam a Portuguesa e o povo gritava, em coro: «Obrigado, sr. presidente».

O sr. almirante Américo Tomás, sem esconder a sua emoção, agradecia de braços ao alto.

Luzida sessão solene

Ao regressar à sala, o sr. almirante Américo Tomás foi novamente aclamado com entusiasmo e deu-se, então, início à sessão solene, melhor, o agradecimento setubalense pela visita ilustre e pela Ponte Salazar.

O chefe do Estado assumiu a presidência da mesa, ladeado pelos membros do Governo, acima referidos, governador civil, eng.º Pereira Beja, e presidente do Município, dr Constantino Góis.

Aberta a sessão, usou então da palavra o presidente da Câmara Municipal de Setúbal, como representante do povo do seu concelho que começou por dizer:

— Há momentos em que as palavras se tornam inúteis perante a realidade dos factos. E estes, que há pouco se viveram, a atravessar-se de lés a lés a cidade de Setúbal, em que toda a sua população, apoteóticamente, recebeu o mais alto magistrado da Nação, com um entusiasmo transbordante, unida num mesmo ideal, bem representativo do que lhe ia na alma, são na verdade desses.

Setúbal passa hoje, por um dos seus mais altos momentos.

Como um só corpo a população desta cidade magnífica, sentiu a grande honra que lhe é concedida e grata, como sempre sabe ser, veio para a rua mostrar o seu agradecimento, viver o momento extraordinário que passa.

A mim me compete, como presidente do Município setubalense e portanto como mandatário da mesma população, traduzir em palavras esse agradecimento, o que é tarefa deveras difícil.

Difícil sim, pois precisaria de ser talvez um orador iluminado, para dar uma ideia pálida que fosse, de tudo o que sentimos, tal é a felicidade que nos inunda o coração.

E prosseguindo:

— Senhor presidente da República: receba V. Ex.ª os melhores cumprimentos de boas-vindas e a expressão do nosso maior reconhecimento, por mais uma vez nos ter dado a grande honra de visitar Setúbal.

E creia V. Ex.ª que as homenagens que ao longo das ruas desta cidade lhe foram tributadas, representam o agradecimento sincero das boas e trabalhadoras gentes da capital do Sado, pela grande honra que, gentilmente, V. Ex.ª lhe quis proporcionar, logo no dia seguinte ao da inauguração dessa obra fantástica que é a ponte sobre o Tejo.

Setúbal, a capital deste distrito extraordinário, que tanto deve às enormes transformações que nos últimos quarenta anos têm vindo a ser introduzidas no nosso país, recebe V. Ex.ª, senhor presidente, depois da inauguração da mais bela e importante obra realizada em Portugal e que vem coroar, condignamente, esse período de realizações magníficas.

E mais adiante, após outras palavras de saudação, o orador referiu a luta que nos movem no Ultramar, afirmando, a propósito:

— Não fora essa luta a que nos obrigam em várias parcelas de Portugal africano, que para todos nós está para além dos problemas materiais e o ressurgimento operado por Portugal inteiro, e que tão evidentemente se pode apreciar em Setúbal, seria ainda muito mais pronunciado.

Mas, para os portugueses, está em primeiro lugar a honra e a fé numa verdade histórica inatacável, que a resolução mais rápida dos seus variados problemas materiais.

Assim o entendemos e com a nossa persistência e a certeza da verdade, faremos que todos, por esse mundo fora, também o entendam.

Contudo e como prova do valor insofismável da Nação portuguesa, inaugurou-se ontem a mais importante realização do sector das obras públicas, que ligando directamente o nosso distrito à capital, vem, para além do interesse nacional que representa abrir perspectivas imprevisíveis para o desenvolvimento de toda a vasta zona da península de Setúbal.

Por isso, nesta hora em que saudamos a inauguração de tão grande benefício para o nosso distrito, encontram-se aqui presentes os estandartes de todos os municípios, como exemplo vivo da união entre todos existente, que os irmana na fé de prosseguir no caminho de há muito marcado, para progresso da região e engrandecimento de Portugal.

E já a concluir a sua oração o presidente da Câmara Municipal de Setúbal disse ainda:

— Permita-me, Senhor Presidente da República, que nesta hora de alegria, saúde essa figura que está presente em todas as mentes, quando se fala em obras, em empreendimentos, quando recordamos os quarenta anos de ordem e progresso, quando se fala de Portugal, — o obreiro máximo de todas as realizações nacionais, o primeiro soldado português — Sua Excelência o Senhor Presidente do Conselho.

Também não poderia deixar passar este momento, sem saudar o grande impulsionador desta magnífica obra que, com o seu esforço sobre-humano, com uma dedicação completa às funções que desempenha, com uma permanente atenção às necessidades do país no sector em que superintende, se tornou uma figura muito querida a todas as Câmaras Municipais — Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas.

Senhor Presidente da República: para vós, vão as melhores saudações de Setúbal, vão os desejos de que por muitos anos continue a ser o Chefe do Estado de todos os portugueses.

«A ponte é o traço de união entre duas épocas»

Falou depois o sr. Manuel Martins do Nascimento Entrudo Lino, para saudar o sr. presidente da República em nome de todos os trabalhadores do distrito de Setúbal, e exaltar a valia do empreendimento da ponte sobre o Tejo — a propósito da qual, disse que ela representava «mais que a concreta e sólida ligação das duas margens do rio — belo e histórico», acentuando, então:

— A ponte é o traço de união entre duas épocas — a que passou recheada de tradições vividas com mais ou menos dificuldades, mas sempre vividas com muita dignidade; e a que há-de vir impulsionada por este movimento sempre crescente que todos nós sentimos e é originado pela estabilidade que nos deram os 40 anos de vida pública em paz e progresso.

E a concluir, saudou ainda os srs. presidente do Conselho, ministro das Obras Públicas, e director do Gabinete da Ponte sobre o Tejo.

Em representação das actividades económicas do distrito de Setúbal, e muito particularmente da sua lavoura, usou da palavra o sr. João Branco Núncio.

Depois de saudar o sr. almirante Américo Tomás, salientou o facto das terras do Sado estarem agora mais próximas da capital, «graças — acentuou então — à extraordinária obra da ponte sobre o Tejo, que, com os empreendimentos complementares e a rega do Alentejo, fará surgir e florescer, com uma prosperidade nunca antes experimentada, um novo país, desde Almada aos confins da região transtagana». E concluiu, dizendo:

— Senhor presidente: os portugueses de hoje orgulham-se, muito legitimamente, contemplando em V. Ex.ª as mais nobres virtudes de uma raça, que através dos séculos se impôs ao Mundo e que, nos nossos dias, vive páginas das mais belas da história pátria, não olhando nem hesitando perante sacrifícios de toda a sorte, para que se mantenha bem alta a honra nacional.

É esta a maior glória que temos para transmitir às gerações vindouras, através das quais ficarão bem assinalados o nome de Américo Tomás e a era de Salazar.

Usando da palavra, então, o sr. dr. José de Melo e Castro, depois de saudar o chefe do Estado e de cumprimentar o governador civil e o presidente da Câmara de Setúbal como «dedicados servidores da causa pública», teceu [illegible] considerações sobre a excepcional importância dos melhoramentos inaugurados — a ponte sobre o Tejo e as estruturas que constituem a segunda fase do porto setubalense. E, prosseguindo, a propósito do primeiro, afirmou a certa altura:

— Esta obra toca no cerne da nossa vida colectiva precisamente por estar associada directamente, quer nas altas decisões políticas, quer no nível da programação, a fundamentais temas e realizações em curso do nosso desenvolvimento. Factor de imediata valorização desta região de entre Tejo e Sado, com múltiplas aptidões naturais de excepção, a sua influência repercute-se por todo o Sul do país, até ao Algarve e às suas singulares virtualidades para o turismo e, como adjuvante poderoso, interfere nesse extraordinário programa em execução porventura o de mais profundo e extenso efeito na organização comunitária superior da nossa vida metropolitana, a que a nossa geração finalmente, se abalançou: — a reconservação sócio-económica do Alentejo.

Mais adiante, acrescentou:

— Índices diversos vão revelando já, nestes últimos anos, o germinar de um Alentejo novo: desde as substanciais realizações de infra-estruturas materiais, as estradas, a electrificação, as primeiras grandes etapas em curso do plano de rega, até ao progresso da intensificação de culturas à florestação, à incipiente industrialização, até aos sinais, estes mais alentadores ainda, de reconversão do factor humano, já sensíveis na dinamização da mentalidade sócio-cultural que há-de encontrar propícios estímulos na tradicional nobreza de carácter do alentejano. Índices de índole diversa que robustecem a nossa esperança; mas bastaria atentar-se só que fosse nos valores quantitativos do plano de rega em execução, para se medir o alcance decisivo que lhe está reservado no progresso de todo o país: — 170 000 hectares a submeter à rega, quer dizer, o acréscimo de um terço em relação a todas as áreas regadas existentes na Metrópole, que somam cerca de 500 000 hectares.

E, após outras considerações sobre os incalculáveis benefícios dos melhoramentos em causa, concluiu lembrando os que se batem no Ultramar pela integridade da Pátria, afirmando:

— Mas o que ali se passa mais acrescenta o nosso património moral, e mais profundo torna o sentimento com que vibramos nesta hora alta do progresso de Portugal!

O discurso do chefe do Estado

A encerrar a sessão, o sr. almirante Américo Tomás, constantemente interrompido por ovações, afirmou:

— Para fecho desta sessão solene com que a Câmara Municipal de Setúbal se associou ao movimento de todo o distrito, de agradecimento ao Governo pela obra portentosa que a ponte sobre o Tejo significa, é lógico que o chefe do Estado diga algumas palavras.

E as duas primeiras são naturalmente para agradecer aos oradores que aqui usaram da palavra as referências amigas que ao chefe do Estado fizeram e para agradecer também as homenagens hoje prestadas mais uma vez ao chefe da nação pelas populações deste distrito. E estou certo que ao saudarem o chefe do Estado não o saudavam apenas a ele, estavam saudando todo o Governo, estavam agradecendo, afinal, aquela maravilhosa obra que todos nós ontem inaugurámos.

Na verdade, a ponte sobre o Tejo é um verdadeiro monumento que liga o passado ao futuro; é uma obra como nenhuma outra feita até agora em Portugal e não é apenas um traço de união entre Lisboa e a península de Setúbal. É bem mais do que isso: é um traço de união entre o Centro e todo o Sul do País e é, afinal e sobretudo, uma ponte que nos indica, pelo seu maravilhoso valor, qual deve ser o caminho do nosso futuro. É que a ponte faz com que uma época pràticamente fique terminada e que outra se encete; e essa outra tem que ser necessàriamente a continuação destes últimos quarenta anos em que o país conseguiu recuperar muito do tempo perdido e ganhar alento para fazer no futuro mais e muito melhor.

Aqui, nesta sessão, foram devidamente louvados dois homens, que, muito mais do que quaisquer outros, merecem de facto todo o nosso entusiástico louvor. Eles são, como VV. Ex.as todos sabem, o dr. Oliveira Salazar e o eng.º Arantes e Oliveira. São os dois máximos responsáveis da obra ontem inaugurada e todos os louvores aqui escutados não são de mais, apesar dos termos em que foram proferidos. E eu, primeiramente como português, associo-me a esses louvores; agradeço a esses dois grandes vultos mais esta obra que conseguiram que o país auferisse. Mas, se falo como português, falo sobretudo neste momento como chefe do Estado para manifestar o reconhecimento de toda a nação ao dr. Oliveira Salazar e ao eng.º Arantes e Oliveira.

A ponte, como disse, é o rumo do nosso futuro, mas esse rumo como aqui foi lembrado pelo dr. Melo e Castro, está sendo também traçado por aqueles jovens, pela flor da mocidade portuguesa, que em África defende o nosso património secular e o quer entregar íntegro às gerações do futuro.

Pois, esses homens fazem um trabalho igual àquele que a ponte representa. Representam eles também um traço de união entre o passado e o futuro, porque nas suas mãos e no seu valor estão seguramente bem firmados os altos destinos da Pátria que nós queremos que seja amanhã melhor do que é hoje; e só eles poderão conseguir isso. Por isso, deste local ao mesmo tempo que saúdo dois grandes portugueses, de todos conhecidos, saúdo também esses portugueses que lá fora anònimamente estão defendendo Portugal das investidas dos nossos inimigos. Todos eles são dignos da nossa gratidão. E eu não posso fazer mais, ao louvar o dr. Oliveira Salazar e o eng.º Arantes e Oliveira, do que dizer que eles estão na companhia desses heróicos soldados a garantir o futuro de Portugal.

Numerosa escolta das frotas de pesca e de recreio à vedeta presidencial

As últimas palavras do sr. almirante Américo Tomás foram já proferidas por entre vibrantes aclamações, que se prolongaram durante alguns minutos.

O presidente da República, repousou, depois, por uns momentos, no gabinete do presidente da Câmara, enquanto se realizava o cortejo que se dirigiria ao cais a inaugurar.

Pouco depois, o chefe do Estado voltou com a comitiva ao seu automóvel, que, precedido de batedores-motociclistas da P. S. P., se dirigiu para o novo troço do cais acostável. Em todo o percurso, o presidente da República recebeu as maiores provas de carinho e de simpatia.

Estando presentes todas as individualidades que desde o princípio da visita o acompanharam e as autoridades marítimas locais, o chefe do Estado descerrou, depois, a lápida que assinala a inauguração do cais, acto que arrancou grandes aclamações, embarcando a seguir na vedeta «Urano», de onde passou revista a dezenas de barcos de pesca e de recreio dos portos de Setúbal, Sines e Sesimbra, vistosamente ornamentados e fazendo ouvir, festivamente, as suas sirenes, ao mesmo tempo que as tripulações faziam a tradicional saudação dos marinheiros. Conforme a vedeta ia seguindo, os barcos formavam cortejo, enquanto outros escutavam a vedeta presidencial.

O sr. almirante Américo Tomás desembarcou em Troia, de onde seguiu para a Praça de Touros Carlos Relvas, para assistir à tourada de gala.

Mais de mil pessoas numa brilhante recepção

À noite, na Estalagem de S. Filipe, o presidente da República foi homenageado com um jantar, seguido de recepção, em que participaram as mais altas individualidades do distrito e as convidadas para as cerimónias.

No momento próprio, o governador civil de Setúbal brindou pelo chefe do Estado e por sua esposa, nos seguintes termos:

— As horas para nós inesquecíveis que V. Ex.ª quis viver neste distrito deram-lhe, sem dúvida, a certeza de que V. Ex.ª está no coração de todos nós.

Esta grande honra que, por sua bondade, uma vez mais V. Ex.ª nos concedeu, convivendo connosco e presidindo às solenidades que tiveram lugar a propósito da inauguração da incomparável obra que é a ponte sobre o Tejo, constitui para todo o distrito motivo do maior júbilo e do mais profundo reconhecimento.

Igual gratidão queremos expressar a sua Ex.ma esposa que com inexcedível espírito de bem servir, acompanha V. Ex.ª em tantos passos da sua vida oficial.

Em V. Ex.ª, senhor presidente, en saúdo o Portugal eterno que há-de perdurar através os séculos e os milénios, íntegro, a impôr-se ao Mundo, na sua missão civilizadora.

Pela saúde de V. Ex.ª, pela saúde de sua Ex.ma esposa e para que Deus continue a proteger Vossas Excelências.

O sr. almirante Américo Tomás agradeceu.

Finalmente, depois da meia-noite, foi queimado no Sado um vistoso fogo de artifício, terminado o qual o presidente da República, sempre muito ovacionado, regressou a Lisboa.

Em Setúbal, o chefe do Estado dirigindo-se para a Câmara Municipal

LEMBRANÇAS OFERECIDAS ao sr. almirante Américo Tomás

No final da sessão solene que decorreu no salão nobre dos Paços do Concelho de Setúbal, o chefe do Estado dirigiu-se ao gabinete do presidente da Edilidade, onde recebeu cumprimentos dos componentes da Junta Distrital e dos presidentes das câmaras municipais do distrito.

Nesse momento, foi-lhe oferecido um magnífico guarda-jóias de prata, tendo gravado na tampa o desenho do Convento de Jesus.

O sr. almirante Américo Tomás recebeu, também, um sugestivo livro decorativo do centenário de Setúbal, com uma dedicatória do respectivo autor, Machado Pinto.

FATÍDICA ULTRAPASSAGEM

MORRERAM SEIS PORTUGUESES NUMA ESTRADA DE ESPANHA

• VINHAM DE FRANÇA PASSAR FÉRIAS À TERRA

A altas horas da noite, entre Madrid e Irun, no concelho de Araya, onde a estrada faz uma curva e onde o condutor de um automóvel, tentado por irresistível velocidade, não cuidou de um mínimo de prudência nas ultrapassagens, surgiu um camião pesado em sentido contrário. E foi tudo — e tudo ficou em nada! Automóvel totalmente esmagado — e esmagados quantos nele viajavam. Uma família de portugueses destroçada, precisamente dois casais e seus filhos. Ali terminava uma viagem alegre, de férias merecidas, entre a França, para onde tinham emigrado em busca de melhores dias, e a freguesia da Granja, no concelho de Penedono, que era a sua terra natal.

Eis a identidade das vítimas: Manuel Joaquim Aguiar, de 27 anos e sua esposa Isabel Antunes Brites Aguiar, de 21; o irmão daquele, Celestino Augusto Aguiar de 31 anos, e esposa Benvinda Ramos Marta Aguiar, de 26; Felisbela, de 16 meses, filha do primeiro casal, e Maria Casimira, de 4 meses, filha do segundo. Dois irmãos as suas esposas e uma filha de cada par

Uma reunião de família que já não se fará

Era um automóvel «Simca 1000», com matrícula francesa guiado pelo sr. Manuel Joaquim Aguiar. Todos residentes em França, em Acy Le Haut, no Departamento do Aisne, partiram para Portugal. Este mês de Agosto era o mês ideal para uns longos dias de descanso em casa de seus maiores. Seria reunião geral de família, até porque, noutro automóvel, haviam partido à frente mais dois irmãos que também mourejam em França. Passada a fronteira, a estrada continuava a ser boa e convidativa à velocidade, à pressa que todos tinham de chegar à sua casa portuguesa. Tanto que a noite veio e a viagem não foi interrompida. Antes prosseguiu, talvez mais veloz, que a estrada tinha agora menor movimento. Mas surgiu aquela curva traiçoeira, com outro carro a rodar à frente em marcha que impunha a ultrapassagem e o sr. Manuel Joaquim aventurou-se. Tanta curva feita sem novidade — era mais uma..

E surgiu o camião — estes também procuram a noite por ser menor o movimento — e o seu motorista nada pôde fazer. Também o condutor do automóvel, lançado como vinha, já nada podia remediar — e foi o choque violentíssimo, fatal para os do veículo mais ligeiro. O camião esmagou os e, envolvidos nos destroços, deixou seis corpos mortos.

A notícia chegou a Araya e a mais localidades, das quais partiriam serviços de socorro. Mas nada havia a fazer — estava tudo feito, tudo quanto a desgraça poderia provocar. Enfermeiros e bombeiros inclinaram-se e estenderam as mãos para seis corpos mortos. Eles não tinham nada a fazer em favor de seis vidas. Era uma missão fúnebre que os esperava.

Um automóvel que não se deteve esmagou a cabeça de um dos corpos!

Claro que compareceram com a possível brevidade as autoridades policiais, que se empenharam em estabelecer uma barreira na estrada. Durante algum tempo, até que fossem removidos os corpos e os destroços, o movimento tinha de ser condicionado e minuciosas cautelas deveriam tomar todos os automobilistas que surgissem antes de a estrada ficar completamente desobstruída. Assim a paragem imposta a todos, para disso serem avisados.

Houve um, porém, que não obedeceu. Lançado também em grande velocidade, um automóvel não se deteve ao sinal de paragem feito pela guarda civil e prosseguiu vertiginosamente, indo passar sobre a cabeça de uma das vítimas. De tal modo que a esmagou!

O carro pararia mais adiante e o seu condutor, de nome M. B. Houge Finn Halvor, foi detido. O carro tinha matrícula norueguesa, mas há dúvidas sobre a nacionalidade do condutor — se norueguês ou dinamarquês. Crê-se que da primeira, mas isso para o caso pouco importa. O que interessa é a sua desobediência, ou a sua distracção, que o impediu de ver o sinal de paragem. É isso que será averiguado, tanto mais que o juiz de Araya, M. Carreras, ordenou que se mantenha a prisão.

Averiguadas estão já as condições em que se deu o desastre — tal como descrevemos. Por isso, não poderá ser imputada qualquer responsabilidade ao motorista do camião, o espanhol Ernesto Rios Calvo, que é de Madrid.

Dada a celeridade com que os telegramas das agências noticiosas chegam ao seu destino, depressa nos chegou a triste nova. Informação imprecisa a princípio e até contraditória em alguns pontos. Que eram de Granja, em Penedo, as vítimas, mas fàcilmente foi concluir que se tratava de Granja, sim, mas de Penedono. Um telefonema, e obtivemos a confirmação, do mesmo modo que soubemos da ansiedade que já na sede do concelho de Penedono reinava. Havia ali dúvidas sobre se teriam morrido todos ou se todos estariam apenas feridos. E, infelizmente, tivemos de desfazer essas dúvidas, confirmando-lhes a pior das hipóteses.

Já tinham chegado à Granja os dois irmãos que viajavam um pouco à frente no outro carro. Já eles estavam a sofrer e não a gozar as férias que haviam concebido todos em França.

CONCURSO TELERÁDIO
BOLETIM DE PARTICIPAÇÃO
TEMAS PROPOSTOS — 6.ª série
CONJUNTOS YÊ YÊ 1 | 2 CIDADE DO PORTO
INSECTOS 3 | 4 MUNDIAL FUTEBOL 66
Nome completo .....
Endereço .....
Localidade .....
Nº do telefone .....
MARCAR COM X O TEMA PREFERIDO
ENVIAR AO APARTADO 334-PORTO
Presmalt
O MELHOR FOGÃO NACIONAL
RECORTAR PELO TRACEJADO

Necrologia

D. Maria Emília Ferreira Neves Pintalhão

Na sua residência à Rua Chaves de Oliveira, 413, faleceu ontem confortada com os Sacramentos da Santa Madre Igreja a sr.ª D. Maria Emília Ferreira Neves Pintalhão viuva do saudoso sr. Manuel dos Santos Pintalhão. A querida extinta era mãe das sr.as D. Deolinda Rosa Neves dos Santos casada com o sr. Manuel Pereira da Silva e D. Albina Rosa Neves dos Santos casada com o sr. Manuel Mendonça Ramos Nunes e do sr. António José dos Santos Pintalhão casado com a sr.ª D. Maria Amélia Sousa Neves Pintalhão e avó das sr.as D. Albina dos Anjos Neves Pereira da Silva e D. Maria Laurinda Santos Nunes dos srs. António e Manuel Neves Pereira da Silva (ausente), Manuel António Santos Nunes e dos meninos António Manuel, José António e Manuel Neves dos Santos Pintalhão.

O seu funeral a cargo do armador França, Sucessor, efectua-se hoje, pelas 10 30 horas da residência para a Igreja Paroquial de Campanhã, onde terá lugar a missa de corpo presente e responso.

Alberto Maria da Costa

Faleceu o sr. Alberto Maria da Costa, casado com a sr.ª D. Basília Ferreira de Matos, pai querido da sr.ª D. Maria Arminda Matos Costa, casada com o sr. Luís dos Santos Dinis e avô do estudante Luís Costa dos Santos Dinis. O funeral a cargo da casa Alberto Pereira, realiza-se hoje, ás 15 horas na capela do cemitério de Agramonte, saindo o corpo da igreja da Lapa, onde já se encontra depositado, um quarto de hora antes.

Maurício Fernandes Correia

Na sua residência ao lugar do Picôto, freguesia de Gulpilhares, V. N. de Gaia, faleceu o proprietário, sr. Maurício Fernandes Correia. Era marido amantíssimo da sr.ª D. Maria Valentim dos Santos Correia, pai, extremoso do sr. Abílio dos Santos Correia, comerciante, casado com a sr.ª D. Florinda de Almeida Alves, e avô da menina Maria Adelaide Alves Correia, e do menino Abílio Alves Correia. O seu funeral, a cargo da casa Manuel Moreira da Costa, realiza-se hoje às 19 horas da residência acima indicada para a igreja paroquial, onde são rezados os responsos pelo seu eterno descanso.

EM LISBOA

Tenente Francisco Maria Branco

Faleceu ontem na sua residência, Rua de Heliodoro Salgado, 45, r/c, o sr. tenente Francisco Maria Branco, de 78 anos, natural de Serpa, oficial do Exército reformado.

Prestou serviço durante mais de 30 anos no Ultramar. Era casado com a sr.ª D. Maria Josefa Tavares Branco e pai dos srs. Francisco Maria Branco, Eusébio Marcos Tavares Branco, João Tavares Branco e da sr.ª D. Maria da Encarnação Tavares Branco Alves.

O funeral realiza-se hoje, às 12 horas, da igreja dos Anjos para o Alto de S. João.

NA PROVÍNCIA

— Faleceu em MESÃO FRIO a sr.ª D. Maria Rodrigues da Silva, de 61 anos, casada com o sr. António Rodrigues da Silva e mãe da sr.ª D. Maria António Rodrigues da Silva e do sr. Renato Rodrigues da Silva. O funeral realiza-se hoje, às 19 horas, para o cemitério daquela vila.